

A Mística da Ação Pastoral

Pe. Juventino Kesting
Professor de Teologia Pastoral

"É fundamental partir de um conceito pastoral, enraizado no Concílio Vaticano II, que passe pelo magistério da Igreja Latino Americana. Esse conceito deve levar em conta a graça batismal de todo cristão: a responsabilidade de todo batizado pelo Evangelho no mundo, conforme o dom da fé, os carismas pessoais e comunitários que o Espírito suscita na Igreja. Essa ação pastoral não se restringe apenas à ação dos pastores. É de toda a comunidade dos fiéis no contexto conflitivo do mundo de hoje".¹

1. O GRITO DOS AGENTES.

Quem escuta os agentes de pastoral, senta com eles e dialoga, ouve suas queixas nos encontros, nas reuniões e nos cursos, percebe uma angústia no coração de muitos deles. Sentem um vazio, uma sensação de inutilidade diante do esforço, das andanças e de tantas saídas de casa.

Dedicam a maior parte do tempo para os outros, para a pastoral, para projetos de transformação da realidade, e por vezes não encontram sentido naquilo que fazem e não vêem muitos avanços na prática pastoral.

-Bem se expressa Pe. Fernando ALTEMEYER Júnior: "Contemplar a vida dos agentes de pastoral e escutar suas histórias de vida, normalmente traz à tona memórias e experiências de dor e de muitos fragmentos. Muitos se perguntam se tantos anos de trabalho e de luta... deram resultados eficazes ou só muita cansaça".²

Se esta afirmação não é genérica, então levanta questionamentos: Como a Igreja tem acompanhado a formação da espiritualidade dos agentes? Será que não se exigiu inusitado esforço de tantos leigos e leigas sem lhes dar um devido acompanhamento na dimensão espiritual, humana e afetiva? Talvez aqui reside uma das causas do crescimento dos movimentos espiritualistas e a busca destes movimentos especialmente entre os jovens.

Há no coração humano um grito por mais vida, por mais significação do cotidiano, neste mundo conflitivo, marcado por desigualdades sociais e carregado de ofertas de todo tipo de felicidade e de realização. O coração humano está inquieto e carente de busca de significação existencial.

No modelo vigente de Igreja, estão na ponta da pastoral e nas coordenações, normalmente, presbíteros, religiosos e religiosas. Ora, estes, além de um longo período de formação, têm um forte sustentáculo próprio de cultivo permanente. Mesmo assim, nem sempre o entusiasmo é visível e irradiante na pastoral.

Os agentes leigos, com exceções, encontram-se, de certa maneira, abandonados, ou quando muito, recebem a oportunidade de frequentar cursos de teologia, mais em vista da ação pastoral do que da sua formação humana e cristã.

Este grito torna-se mais perceptível quando entra em cena a diversidade de espiritualidades e as múltiplas correntes pastorais. Isto, de certa forma, deixa os agentes desconcertados, uma vez que, em lugares geográficos próximos, diversas práticas pastorais se fazem presentes.

Predominam, na realidade atual, duas tendências: a primeira, caminha na direção de uma experiência de vida cristã e de uma atuação pastoral voltada para a realidade interna da Igreja. Neste sentido há uma tendência para o individualismo ou para a fé desligada do cotidiano da vida e da realidade conflitiva da sociedade. A segunda linha aponta para a inserção na realidade temporal e na ação transformadora. Esta postura exige profundidade, razões de fé, ampliação da visão de Igreja, de sociedade e de pastoral. Essa posição tem gerado conflitos e tensões.

É preciso ter claro que não existe uma espiritualidade fora da realidade e da experiência humana. Ela é, ao mesmo tempo, transcendente e encarnada. A espiritualidade não surge, nem se nutre somente da realidade, das lutas e dos compromissos. É também dom de Deus, que chega através da Palavra de Deus e de uma ação própria de Deus.

Neste sentido, bem se expressa Segundo GALILEA: "É essencial para a espiritualidade a expressão e celebração da fé com práticas próprias dela, autônomas e irreduzíveis a qualquer outro tipo de prática ou compro-

*"Não existe uma
espiritualidade
fora da realidade
e da experiência
humana"*

misso. A espiritualidade cristã tem duas dimensões, articuladas e inseparáveis, mas perfeitamente distinguíveis e autônomas: espiritualidade é mística e inspiração da entrega e do compromisso por um amor maior; mas espiritualidade também é, necessariamente, prática da fé (sacramentos, oração, expressões exclusivamente religiosas)".³

O grito dos agentes situa-se neste contexto. De um lado, a busca por espiritualidade e, de outro, a diversidade de espiritualidades nem sempre compreensíveis e ao alcance para uma maioria de leigos e leigas. Ocorre o perigo de se exigir uma postura pastoral, sem levar em conta o processo de crescimento ou mesmo sem um devido embasamento espiritual para o discernimento e clareza da fé.

2. O RAIAR DE UM NOVO DIA

Com o evento do Concílio Vaticano II, (1962-65), especialmente com a "*Gaudium et Spes*", a Igreja revolveu-se internamente a partir da nova definição da sua missão no mundo. Se até então predominou o binômio Igreja e mundo, a ação decorrente era menos vulnerável. A justaposição "Igreja e mundo" criava uma casca de segurança, uma vez que a concepção de Igreja santa, sobrenatural, tornava-a livre da influência do "mundo", das "ciências" e de "pensamentos adversos". Esta postura proporcionava segurança e certezas normativas. A atuação do leigo restringia-se ao foro interno, via movimentos de cunho piedoso.

A "*Gaudium et Spes*" redefiniu a relação Igreja-mundo. De Igreja e mundo caminhou para Igreja *no* mundo. Essa pequena preposição gera mudanças substanciais. O mundo não é concebido como inimigo a ser combatido e nem como ambiente perigoso. Dele o cristão antes devia "afastar-se". Mas agora o mundo passa a ser o vasto campo de atuação do cristão.

Se entrarmos no fato e no espírito de Medellín (1968), percebemos um leque de desafios que atingem fundo a presença do agente de pastoral. Termos como "libertação, realidade social, opressão, pobreza", citando alguns, passam ao cotidiano da prática pastoral. Atuar pastoralmente já não é campo pacífico e reservado ao ambiente interior da Igreja. É presença no mundo, no conflito, nas estruturas. Essa nova visão pastoral não encontra suporte suficiente num bom e piedoso católico, mas requer uma consistência humana e espiritual mais aprofundada. É passagem da piedade para a mística, para a militância, para o testemunho e para a construção da história.

Esta passagem caminha para a redescoberta do Jesus histórico, encarnado, que assumiu a condição humana (Fl 2,6-11), ungido pelo Pai para *anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os corações contritos, pôr em liberdade os cativos...* (cf Lc 4, 16ss). Ser cristão e atuar como cristão no mundo é pôr-se a caminho nas pegadas de Jesus e, em nome dele e com Ele, anunciar a boa nova da vida, da liberdade, aos povos latinos e ajudá-los, à luz da fé, a encontrarem os caminhos da dignidade e da vida plena.

Puebla (1979), por sua vez, continuidade de Medellín, desafia o cristão para "reconhecer nos rostos sofredores de milhões de irmãos, o rosto sofredor de Cristo, o Senhor" (Puebla,31-41). Os pobres são os preferidos de Deus e o ponto de referência da ação pastoral. Eles são os novos sujeitos históricos que emergem com o grito encrustado em seus corações marcados pelo abandono, pelo desrespeito às suas culturas, pela negação da vida, pela marginalização. Proclama o documento: "Um clamor surdo brota de milhões de homens... pedindo libertação" (Puebla, 88).

Do advento das Comunidades Eclesiais de Base nascem as pastorais sociais, a Bíblia na mão do povo, as manifestações religiosas nos ritos e símbolos das culturas. Reacende-se um fervilhar novo na ação pastoral. Gera-se o nascedouro de um novo estilo pastoral. As antigas e seculares fórmulas de evangelização já não respondem às reais necessidades que emergem das comunidades, especialmente dentre os pobres.

É bom lembrar que esse acelerado movimento aconteceu num período curto. Nem todos conseguiram acompanhá-lo. Muitos ficaram perdidos. Outros desanimaram. A renovação institucional-pastoral, a elaboração temática que sustenta e justifica toda essa mudança centraliza-se na eclesiologia das comunidades de base e nos ministérios.

Pouco se enfocava a questão existencial dos agentes, sua situação afetiva e as razões de fé providas de uma mística. *A práxis era mais concreta e urgente do que a estética*. Por vezes sopravam ventos trazendo certa rejeição ao espiritual, ao celebrativo, ao simbólico, ao místico.

No início da década de 80 a temática da espiritualidade, entre os agentes e na pastoral, começa a emergir. "Busca-se a re-adequação e renovação da espiritualidade

cristã coerente com a renovação pastoral, a espiritualidade a partir do pobre, o interesse pela cultura religiosa popular, a 'espiritualidade da libertação', o encontro da fé na realidade latino-americana, o renascimento da

contemplação e experiência de Deus, e o sentido dos sacramentos".⁴

Entende-se essa readequação a partir da mudança do eixo da teologia e da prática pastoral. Uma mudança nunca vem isolada. Se há renovação, novo sopro do Espírito agindo na caminhada da Igreja na América Latina, muda a espiritualidade, a experiência de Deus, a opção de fé e a prática religiosa dos cristãos. Esta mudança criou força na busca da mística do seguimento do Jesus histórico, do serviço ao pobre, da comunidade e da fraternidade.

A partir da urgência das tarefas de libertação social e de evangelização há uma nova leitura da espiritualidade do agente. Palavras como: "opção, justiça, solidariedade, compromisso, engajamento, prática pastoral",

"Os pobres são os preferidos de Deus e o ponto de referência da ação pastoral"

tornam-se o cotidiano das orações, das celebrações e das motivações interiores.

Assim nasce o processo histórico na busca da espiritualidade. O cristão não está ausente dos processos históricos, nem fora do tempo, nem isolado dos conflitos do cotidiano. Aliás, uma espiritualidade que não leva em conta a experiência do cotidiano, sofrido e machucado, corre o risco de alienação ou de isolamento da caminhada de um povo que busca a experiência de Deus. Nessa pers-

"A pastoral precisa ser porta-voz do processo de libertação"

pectiva, a espiritualidade não motiva e torna-se irrelevante.

"A espiritualidade não é uma ciência ou uma prática a mais dentro da Igreja. Ela é seiva da vida, da pastoral, da teologia e da comunidade".⁵ Aqui reside o nó que define a

qualidade da vida espiritual, das opções, do significado do cotidiano e das razões do engajamento. Ou a espiritualidade é seiva que alimenta, é sangue que circula, é vida que recria e alimenta o cotidiano, ou torna-se uma seqüência de recitações, distante da vida, da realidade, que geram uma sensação de vazio e de perda de sentido do agir e do professar a fé.

3. NOVOS DESAFIOS

A sociedade progride, os paradigmas mudam, os valores sofrem profundos questionamentos, as ciências comportamentais avançam. As seguranças do passado são abaladas por um influxo de opiniões, de filosofias de vida. As alternativas, os dogmatismos seculares, para as novas gerações, pouco ou quase nada dizem. Uma crise generalizada invade a sociedade, no campo político, na economia, no social e mesmo no religioso. As culturas minoritárias, abafadas durante séculos, emergem e procuram o seu lugar. A sociedade, como um todo, durante a década de 80, passa por uma profunda revisão. Uma neblina de incertezas encobre a humanidade, provocando insegurança e inquietude frente à vida e ao futuro.

Diversos fatores se combinam e impulsionam o repensar da sociedade, da Igreja, da atuação pastoral e do significado existencial das pessoas. Esses fatores podem agrupar-se em níveis:

a) *A exclusão social.* É o mais duro saldo da sociedade desorganizada, elitizada e excludente. O grito dos excluídos, o flagelo da fome, o amontoado das periferias das cidades, sem mínimas condições de vida digna, são sinais visíveis e desafios concretos para uma nova postura pastoral, para a renovação do sentido espiritual e para a inserção do cristão no mundo.

"A grande massa fora do sistema, é gente que, pela ótica da economia, é simplesmente dispensável. São os excluídos, os que estão sobrando: doentes, sofredores de rua, deficientes, analfabetos sem profissionalização, sem-terra, idosos... e tantos outros. São novos rostos sofredores de pobres, visíveis nas ruas das cidades, na miséria

crescente dos campos e no processo desordenado da migração".⁶

Na ordem mundial não há indícios de que a situação se reverta por iniciativa das elites dominantes, pois "a tecnologia, o progresso, em vez de se direcionarem para a satisfação das necessidades básicas da maioria, optou por criar novas necessidades apostando em produtos sofisticados para a pequena faixa que pode pagar e para exportar. Com esse processo aumentou a desigualdade, a frustração e o número dos empobrecidos; cresce também a alienação das chamadas elites, que desenvolvem um sentimento de superioridade, criando o que está sendo chamado de 'apartação social'".⁷

Diante dessa realidade, a pastoral precisa ser porta-voz do processo de libertação. Este processo não acontece por acaso, mas através de novas formas de organizar a pastoral, e da mudança das estruturas que geram a exclusão. Essa mudança torna-se conflitiva. Daqui brota a espiritualidade encarnada e comprometida. O conflito é inevitável, pois a realidade sócio-política vigente é questionada. O agente precisa ter um suporte espiritual para não ruir diante do primeiro conflito. É o que se chama de "teimosia" dos pobres de Javé.

A missão da Igreja consiste em reverter esse quadro através da denúncia do sistema que gera essa realidade, e do anúncio de políticas capazes de fazer raiar a nova sociedade marcada pela partilha, pela justiça e pela vida.

A canção bem o expressa: "*Animados pela fé e bem certos da vitória, vamos fincar nosso pé e fazer a nossa história*". Essa história será realidade na medida em que os cristãos, homens e mulheres de boa vontade, tiverem olhos abertos para enxergar, sentir e perceber a dor e o grito do povo, denunciar tudo o que machuca a vida humana e impede que o projeto de Deus se realize na história.

b) *A tecnologia e os meios de comunicação.* A atuação pastoral não pode ignorar o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação social. Não há como negar os benefícios que a inteligência humana proporciona à humanidade através dessas conquistas. A pastoral não pode desconhecer e relativizar as mudanças que ocorrem com a moderna tecnologia, quer no campo da pesquisa e das ciências, quer no da comunicação.

São mudanças que afetam a quantidade e a qualidade das informações que veiculam e interferem em todos os campos da vida humana. Seus efeitos recaem sobre as emoções, as relações humanas, as opiniões, as expressões religiosas e os comportamentos.

Os meios de comunicação têm o fascínio de cativar a imaginação pessoal. Trabalham as emoções, os medos, as fantasias, os desejos, os ideais e o prazer. Influem no conjunto da ação pastoral da Igreja. Diante da poderosa atuação da tecnologia e dos meios de comunicação o agente precisa descobrir novas formas de apresentar a mensagem. Não é suficiente ter boa vontade. Precisa ter preparo. Ter clareza. Métodos. Testemunho.

Os velhos métodos pouco falam para as novas gerações. A linguagem simbólica, o colorido das mensagens, a fluidez das palavras, a emoção do fato, despertam as pessoas para novas experiências de vida e criam necessidades de emoções. A pastoral não pode permanecer fria, técnica, normativa e funcionalista. Daí a busca de

novos caminhos pastorais que trilhem pelo contato pessoal, pela presença, pela acolhida, pelo testemunho, pela ternura.

c) *A urbanização*. Aqui reside o primordial desafio para a pastoral. Durante o último milênio a Igreja centralizou sua atuação pastoral no mundo rural. A grande seara da fé, de testemunho, do modelo de comunidade eclesial, encontrava seus parâmetros no mundo rural. A linguagem, os ritos, as pessoas, os símbolos, o ano litúrgico, as festas, o modelo de evangelização baseavam-se no mundo rural, livre das informações estranhas, livre da veiculação de opiniões diferenciadas. Predominava o controle rígido da Igreja.

Basta lembrar que, ainda em 1940, só 22% da população brasileira vivia nas cidades, enquanto 78%, no campo. Passados cinquenta anos, o quadro se reverteu totalmente. Hoje, são 24%, no campo e 76%, nas cidades. Isto é mudança significativa e radical. Agrava-se a situação quando se percebe que grande parte dos urbanos vivem em situação desumana em todos os níveis, na moradia, no trabalho, no transporte, na saúde, na educação e no lazer.

Esta passagem, do campo para a cidade, acarretou mudanças não só geográficas e físicas, mas existenciais, culturais e religiosas. A dimensão religiosa é a mais afetada, principalmente levando em consideração a catequese, a pastoral e as práticas religiosas vulneráveis, que durante séculos a Igreja centralizou no cumprimento dos mandamentos e nas desobrigas sacramentais. No modelo rural, a Igreja descuidou da formação da espiritualidade cristã sólida para um mundo em mudança. Primou pelo cumprimento dos deveres. Daí a necessidade de adequação de métodos e dinâmicas que respondam aos anseios do homem e da mulher urbanos.

d) *O pluralismo*. A sociedade de um monobloco homogêneo caminhou para o pluralismo. Pluralismo em todos os sentidos. Segundo o pensar da sociedade atual, não há mais uma Verdade, mas, verdades. Cada indivíduo tem direito de expressar aquilo que pensa. E não há como fugir desta realidade, mesmo sabendo que ela interfere profundamente no processo da fé e na expressão religiosa.

O pluralismo de idéias, de expressão de vida, de manifestação religiosa, é um complexo abrangente de situações e valores que convergem para a pessoa e suas situações. Esta convergência não advém de normas pré-estabelecidas, nem de dogmatismos universalmente acei-

tos. É expressão de conquista da liberdade que o ser humano foi adquirindo diante de si mesmo, das estruturas e da sociedade. Em última análise, é um desejo manifesto de escapar do ambiente

frio, técnico, racional,

da sociedade estruturada em parâmetros rígidos e controladores.

Emergem, assim, o pluralismo, o misticismo religioso, as manifestações da alteridade como expressão da

liberdade, da valorização da subjetividade e da emotividade como experiência individualizada. Está em alta a corporeidade como manifestação do novo mito, uma vez que o "mito" interior, misterioso, de cada um, foi afetado pela pluralidade de comportamentos e expressões de vida.

Sobre o pluralismo religioso e conseqüente misticismo, expressa-se J. B. LIBÂNIO: "O ser humano, nestes tempos de modernidade e pós-modernidade, sente-se dilacerado, fragmentado. As grandes narrativas religiosas, políticas, sociológicas e culturais, que lhe garantiam estabilidade, segurança e identidade, se desfazem. Vive num torvelinho de pequenas narrativas em todos os campos da sociedade e da cultura. Tendo perdido, assim, os pontos referenciais das tradições culturais, religiosas e das Igrejas institucionais, ele é entregue à sua subjetividade. A partir dela, e não das tradições institucionais normativas, cria sua própria religião".⁸

A realidade do pluralismo não se apresenta como empecilho para a expressão religiosa de fé cristã, mas como um novo desafio da qualidade da evangelização. O mundo pluralista não aceita mais qualquer coisa, qualquer mensagem superficial e nocional. A humanidade atingida pelo pluralismo tem suas exigências. Mais do que noções de religião, mais do que um conjunto de normas ou de técnicas religiosas, quer uma verdadeira "experimentação" da fé. O grande desafio situa-se ao nível do coração. Como empolgar, para a experiência de Deus, a criança, o jovem, o homem, a mulher, neste mundo conflitivo, urbanizado, pluralista?

Uma certeza pode-se ter. O homem e a mulher de hoje estão abertos a uma experiência de fé. Nem sempre os métodos pastorais, as celebrações frias e estáticas, o anonimato das grandes assembleias, a linguagem defasada dos agentes, o ruído da comunicação, a pastoral mais normativa do que convidativa, a forte influência jansenista na linguagem moral afastam o homem urbano da comunidade eclesial e o levam a um isolamento individualizado. Sem uma razão mais profunda de fé (cf 1Pe 3,15) sente-se enfraquecido

e desiludido frente à sua própria opção de fé.

Esta desilusão entra no íntimo de sua subjetividade. Na inquietude do seu ser apega-se àquilo que está mais próximo e que lhe proporciona, no imediato, uma experiência profunda no seu ser existencial.

"Está em alta a corporeidade como manifestação do novo mito"

"Os velhos métodos pouco falam para as novas gerações"

4. DO CONCEITO PARA A REALIDADE

O Concílio de Trento (1545-1563) foi, durante 400 anos, marco referencial para a atuação da Igreja. Por necessidade histórica, o Concílio empurrou a Igreja ao exclusivismo e à trincheira dogmática, fechada, rígida. Segundo São Roberto BELARMINO (século XVI), a catequese tinha como missão "apresentar, de maneira

"A teologia do 'Povo de Deus' delineou uma nova prática pastoral"

clara e pedagógica, o conjunto dos principais mistérios da fé". A preocupação era com a clareza e a exatidão das formulações doutrinárias. Afirmava ainda que, "o que vale são os sinais da visibilidade, ou seja: obediência à hierarquia, fé explíci-

ta, a recepção dos verdadeiros sacramentos e o cumprimento dos mandamentos".

Durante longos anos a Igreja privilegiou a nocionalidade das verdades da fé. O conceito exato, a clareza das definições e o cumprimento fiel dos preceitos eram a base e o cume de toda ação pastoral. Em decorrência desta visão, o agente de pastoral atuava mais na linha do cumprimento e da execução. Sua espiritualidade fundamentava-se na recitação das fórmulas e no cumprimento dos deveres.

A evangelização no Brasil, desde a vinda dos portugueses, e mais concretamente as imigrações européias com este modelo de Igreja, de pastoral e de espiritualidade, criaram raízes profundas. O substrato religioso do povo brasileiro é marcadamente expressão do catolicismo tridentino entre as imigrações, e das confrarias, entre os descendentes luso-açorianos.

Com o Concílio Vaticano II, toda a Igreja respirou novos ares. A teologia do "Povo de Deus" delineou uma nova prática pastoral. O povo é algo concreto, tem vida, sangue, sente dor, fome, lágrimas. "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (*Gaudium et Spes*, n. 1). A pastoral começa a olhar a pessoa no seu todo. Pastoral concreta, e não somente nocional.

Para a Igreja na América Latina, a Conferência de Medellín (1968) é marco histórico. A pastoral deixa de ser um conceito e assume conotação de realidade. "É missão da Igreja assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, a fim de oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso deve ser fiel à transmissão, não só da mensagem bíblica em seu conteúdo intelectual, como também à sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje. As situações humanas e as aspirações autenticamente humanas constituem parte indispensável do conteúdo da catequese" (Medellín, 8.6).

A pastoral adquire uma conotação concreta, histórica, palpável. Agir pastoralmente entende-se como uma ação a partir de realidades concretas na promoção da justiça, da vida digna, da solidariedade, do anúncio da mensagem de Jesus Cristo e da denúncia de tudo o que machuca o ser humano na sua busca de mais vida.

5. PASTORAL OU AÇÃO PASTORAL?

O termo "pastoral" deriva de "pastor". Expressão rica nas Sagradas Escrituras, nos Salmos e nos escritos Proféticos. O profeta Ezequiel interpreta a indignação de

Deus contra os maus pastores (Ez 34,1-31), que usam do rebanho para o seu engrandecimento e descuidam das ovelhas para cuidarem de si mesmos.

Jesus apresenta-se como o "bom" pastor", o único digno deste nome: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor expõe sua vida pelas ovelhas". Conhece-as e as chama pelo nome. Vai ao encontro da machucada. Busca a ovelha desgarrada"... (cf Jo 10, 11). Jesus é Aquele que vem trazer vida e vida em abundância (Jo 10,10). Sua vida, seu modo de agir, suas palavras, manifestam profundo compromisso com a vida das pessoas. "Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estavam enfraquecidos e abatidos como ovelhas sem pastor" (Mt 9,36).

A prática de Jesus é marcada por atitudes de ternura, compaixão e compromisso de libertação. Diante da Samaritana (Jo 4,1-42), reconstrói uma mulher machucada pela discriminação racial e pela situação humana e afetiva abaladas. Com a mulher adúltera (Jo 8, 1-11), ultrapassa a lei e volta seu olhar para a totalidade da pessoa, reergue-a, reanima-a e restitui-lhe o direito de viver. Na multiplicação dos pães (Mt 14,13-21), sacia a multidão. A prática de Jesus é uma ação dinâmica em direção à vida e à reconstrução da dignidade ferida.

No início do Evangelho segundo MARCOS, encontramos o que Jesus buscou na sua prática libertadora. É de certa forma o programa de pastoral de Jesus. Inicia a missão a partir de um fato concreto: a prisão de João Batista. Reage diante deste fato: "Depois que João foi preso, Jesus dirigiu-se para a Galiléia. Pregava o Evangelho de Deus, e dizia: *Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho* (Mc 1,14-15). Para Marcos, desta proclamação decorre o programa de pastoreio de Jesus, que poderíamos resumir nestes pontos:

"A prática de Jesus é uma ação dinâmica em direção à vida"

a) *Ele forma comunidade* (Mc 1,16-20). A primeira atitude pastoral de Jesus foi formar um grupo de pessoas. Caminha com eles. Conscientiza-os da missão. Ajuda-os a abrirem os olhos. Fá-los seus seguidores.

b) *Faz surgir a consciência crítica no povo oprimido* (Mc 1,21-22). Jesus ocupa o espaço da sinagoga, não para um ensino legalista e opressor, mas para um ensino "com autoridade". Uma autoridade que brota da sua vida, que se expressa na atitude libertadora em relação aos oprimidos.

c) *Combate o mal para libertar o homem* (Mc 1,23-26) e *restaura a vida do povo para o serviço* (Mc 1,29-34). Jesus combate o mal. Os homens e mulheres são criaturas livres de Deus e não, escravos do mal. Mas esta libertação é em vista do serviço, da doação e do compromisso de ajudar a libertar outros.

d) *Convoca-os para permanecerem unidos ao Pai, através da oração* (Mc 1,35), e para manterem a

consciência da missão (Mc 1,36-39). Para o pastoreio de Jesus, a oração é seiva que alimenta. Oração é relacionamento amoroso e afetivo com o Pai. É através dela que o evangelizador ausculta a vontade do Pai e percebe com mais clareza quais são os caminhos para a ação.

e) *Liberta e reintegra os marginalizados* (Mc 1,40-45). Jesus entende que sua missão é global. Libertar o homem todo. Trazer vida plena. Na América Latina, o desafio pastoral situa-se na dimensão social libertadora. Os povos latinos foram evangelizados, mas permanecem escravizados pelos sistemas opressores, que geram a miséria, a pobreza, a exclusão. Surge assim a pastoral social, comprometida com a realidade que deve ser mudada. Essas mudanças precisam atingir o âmago das estruturas sócio-econômicas e políticas. Sem um compromisso dos cristãos na área social, a fé corre o risco de se individualizar e distanciar-se da realidade.

Não basta organizar a pastoral. É preciso organizar a ação pastoral. *Ação que seja dinâmica e comprometida*. Ação pastoral como um processo histórico que parte de práticas e situações concretas e que leve ao compromisso. E nisto vai permeado um sentido mais profundo da fé, do seguimento de Jesus Cristo e da solidariedade com os excluídos.

"É necessário e urgente que os cristãos se comprometam com o processo de libertação deste continente oprimido, através de uma solidariedade real com os oprimidos, primeiras vítimas desta situação. É a práxis da libertação".⁹ Desta consciência nasce um novo sujeito: "a força histórica dos pobres". Na periferia do mundo, no meio daqueles que nunca tiveram vez, nem voz, dos desvalidos de tudo, Deus se faz presente. O Espírito infunde uma força vital que brota do fundo do coração humano, como na alegoria dos ossos ressequidos em Ezequiel (Ez 37, 1-14).

Os pobres vão descobrindo que têm valor, que são sujeitos, que são capazes de transformar a história. Essa percepção, a pastoral deve ajudar a fazer emergir. Quem não percebe que os pobres são uma força, que Deus fala através deles e que seus gritos chegam aos ouvidos de Deus, não entendeu o que é fazer pastoral numa Igreja que quer ser povo de Deus, povo que busca a libertação em Jesus Cristo. Ou melhor, não entendeu a prática de Jesus.

Em meio ao clamor dos pobres, o Espírito sopra.

Ilumina novos caminhos. Surgem as Comunidades Eclesiais de Base, como "novo jeito de ser Igreja". Nelas, a fé e a vida se fazem presentes. E o grande instrumento é a Bíblia na mão do povo. Bíblia lida, encenada, tocada, cantada, carregada, abraçada, dançada. O povo das CEBs se identifica com Deus Javé que ama, liberta e caminha com seu povo.

Segundo Arturo PAOLI, "a pastoral deve ser menos legalista e funcionalista e mais samaritana". Inspirado na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), o referido autor desenvolve um longo e questionante processo que deve ser a marca da ação pastoral e da presença do cristão na realidade histórica de hoje. Insiste em que na parábola estão

incutidos todos os passos iluminadores de uma ação pastoral capaz de provocar mudanças e questionamentos.

Assim comenta o autor: "Um homem", muitos homens e mulheres... "Desce de Jerusalém", migra, peregrina neste vasto continente, à procura de mais vida... "Caminha a Jericó", caminha por vezes sem rumo, mas caminha para as "Jericós" deste país... "Cai em poder dos assaltantes". O modelo econômico, o neoliberalismo, o sistema bancário, a concentração de rendas e de terras... são os novos assaltantes. "Deixando-o semi-morto". A exclusão, a fome, a miséria, a multidão dos pobres aposentados, os idosos, os drogados, os desempregados de nosso continente são uma maioria, semi-mortos. Casualmente "passa um sacerdote, um levita"... o vai-vém da vida agitada de hoje. Não tenho tempo. Não sei quem é. Não quero me comprometer. "Mas um Samaritano". Um excluído, um pobre, um desprezado, mas com coração grande e capaz de partilhar e compadecer-se, "aproximou-se dele", "cuidou de suas chagas", "derramando óleo e vinho", "conduziu-o à hospedaria", "prestou-lhe assistência", "tomou dois denários".¹⁰

É da periferia, da Samaria, que o novo vai surgir. E brota nova esperança, porque o coração desses agentes é aberto, é acolhedor. É carregado de experiências de luta e de resistência, de lágrimas e de fé, de teimosia e de sobrevivência. A esperança incentivada nasce dos pequenos gestos de partilha, rumo a uma nova sociedade, nova ordem social e econômica.

6. DA AÇÃO PASTORAL PARA A AÇÃO EVANGELIZADORA

Para o entendimento da caminhada pastoral na América Latina e no Brasil, bastaria um estudo aprofundado das "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil". De quatro em quatro anos a Igreja revê sua caminhada, escuta o clamor do povo, interpreta os fatos mais relevantes, acompanha o desenvolvimento e as tendências sócio-político-econômicas, percebe as manifestações religiosas, reflete sobre dados estatísticos.

No início da década de '90, a Igreja toma consciência das rápidas e profundas mudanças, em todos os níveis e áreas, pelas quais a sociedade passa. A opção preferencial pelos pobres continua centralizada no plano, bem como a contribuição da Igreja na construção de uma sociedade "justa e fraterna". A novidade situa-se no "ardor missionário". A ação pastoral não pode ficar fechada em si mesma. Precisa abrir-se para as novas fronteiras. Essa mudança atinge substancialmente a ação pastoral e a postura do agente evangelizador. De um agente de pastoral, de uma área pastoral, de uma situação específica, caminha para uma missão na comunidade e na Igreja. Missão não como função, mas como uma decor- rência do Batismo e do próprio mandato de

Jesus. Essa dimensão recria uma mística específica e abre campo para um crescimento na espiritualidade na linha da missão, da gratuidade, do serviço e do testemunho. Essa espiritualidade passa por elementos novos e profundamente existenciais e sociais, a saber:

*"Uma nova forma
de viver a
espiritualidade
ligada à
comunidade"*

a) *Valorização da pessoa humana e da experiência subjetiva.* "A valorização da pessoa é ponto central da antropologia cristã, da prática de Jesus e da tradição eclesial".¹¹ Cria-se assim uma espiritualidade pastoral que atinge a pessoa no todo do seu ser, na acolhida, na valorização, na experiência de fé.

b) *Vivência comunitária e diversificação das formas de expressão eclesial.* Isto reclama uma nova forma de viver a espiritualidade ligada à comunidade eclesial, onde a pessoa possa expressar e buscar, na experiência, razões para sua caminhada de fé.

c) *Presença mais significativa da Igreja na sociedade.* "A Igreja, para ser fiel à sua missão, assume uma posição explícita em face da sociedade e das macroestruturas, participando, assim, da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, a caminho do Reino definitivo".¹² Esta participação leva o cristão a prestar serviços concretos à sociedade, superando o abstrato e caminhando para a solução de problemas concretos.

As Diretrizes Gerais aprovadas em 1995 apontam para novos enfoques: "De ação pastoral, caminha para ação evangelizadora". Justifica esta posição: "A *ação pastoral* é a que se destina às comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, com testemunho do Evangelho e compromisso com a missão universal. A *ação evangelizadora* refere-se aos grupos de batizados que perderam o sentido vivo da fé, conduzindo a vida distante de Cristo e do seu Evangelho".¹³ Esta nova conotação centraliza a força no "serviço e participação na transformação da sociedade pelo bem dos pobres", "diálogo com as culturas e as outras religiões", "anúncio do Evangelho" e "testemunho de comunhão eclesial". Na prática pastoral não pode haver um hiato entre os dois modelos. É necessário fortalecer a ação pastoral, mas uma pastoral que seja evangelizadora. Atuar pastoralmente, para transformar as realidades injustas, também é evangelização. A prática de Jesus mostra a interação dessas duas realidades. Para Jesus, agir é evangelizar e evangelizar é agir.

A evangelização requer "uma espiritualidade sólida e capaz de dar conta da própria esperança, para dar sustentação ao testemunho cristão, vivendo assim uma profunda mística do seguimento de Jesus Cristo no compromisso com os irmãos, na prática da justiça, no anúncio de uma esperança que se manifesta na profunda sensibilidade para com a maneira de ser do povo, em sua fé. Esta espiritualidade requer: atitude de fortaleza e de perseverança diante das perplexidades, adversidades e conflitos, criatividade, e coragem para propor novos caminhos. Acolhida do outro, atitude de misericórdia, participação alegre e generosa na vida e na missão da comunidade".¹⁴

7. ESPIRITUALIDADE LIBERTADORA

Há fortes pressões no sentido de que os cristãos fiquem fora da busca da libertação e assim se concentrem apenas na mensagem espiritual. Dessa maneira os detentores do poder garantem a manutenção da realidade que lhes é propícia, o *status quo*... Mas esta postura deve gerar indignação e repulsa nos cristãos. Não é possível ser fiel e coerente com o Evangelho, sem condoer-se com

o sofrimento de milhões de pessoas. O Evangelho não é apenas uma consolação, mas é um programa de vida que interfere nas estruturas que matam a vida. Assim o Evangelho se encarna num mundo de fome, de exploração e de desumanização para, à luz de Cristo, provocar uma radical mudança.

Não existe uma espiritualidade neutra. Ela é sempre situada num contexto histórico e numa realidade concreta. A **Espiritualidade libertadora** nasce do chão da vida, do âmago do Evangelho, da prática de Jesus e do compromisso do seu seguimento.

Conforme S. GALILEA, "ter uma espiritualidade de libertação significa atuar sempre sob a premissa de que a meta final é constituída pela fraternidade, a justiça e a reconciliação, e empenhar-se em criar atitudes e valores que permitam que isso seja realmente possível. Criar um dinamismo no qual a morte, os conflitos, a frustração e o fracasso adquirem sentido em relação à nova vida, a um novo homem e à nova sociedade, a ressurreição libertadora e criadora da fraternidade".¹⁵

Torna-se urgente buscar uma espiritualidade libertadora abrangente, capaz de preencher todas as dimensões da pessoa humana: a busca de mais vida, a experiência de uma fé profunda, o compromisso comunitário, a esperança, os processos de transformação da sociedade, os pequenos sinais de uma nova sociedade.

Nesta perspectiva a mística da pastoral supera o fechamento em si mesma, e abre-se para o novo horizonte: o horizonte do Reino. O cristão assume o compromisso de ser solidário com toda a humanidade e procura agir em conformidade com as lutas e os sonhos das pessoas que buscam mais vida, e vida abundante. Espiritualidade é a "identificação com a vontade de Deus de trazer o Reino para nós e para os outros".

Jesus nos ensina a viver em comunhão com o Pai, a viver como seres humanos, a viver em solidariedade com os irmãos, especialmente os sofredores, e nos interpela para a transformação deste mundo a fim de que seja morada dos filhos e filhas de Deus.

A espiritualidade tem que recuperar a centralidade do Jesus histórico, o Deus encarnado que se fez pobre e sofredor por amor. Sem essa experiência profunda do Cristo pobre, ficamos na periferia da espiritualidade, mais apegados a definições ou fórmulas do que a uma mística que impulse para o agir concreto e para a escuta de Deus.

"A espiritualidade tem que recuperar a centralidade do Jesus histórico"

8. NO CAMINHO DO SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

Espiritualidade da pastoral e na pastoral é um caminho. E caminho se faz caminhando. Não um caminho feito, mas caminho que se vai fazendo naquele que "*Caminho, Verdade e Vida*" (Jo 14,6). Caminho que é uma aventura entre conquistas e tensões, entre tréguas e

conflitos. Esse caminho é conduzido pela força do Espírito que é sempre o "novo que vem renovar a face da terra" para ver nascer o "novo dia", o dia da justiça, da fraternidade, da alegria, do pão em todas as mesas, o dia da "vida" com nome digno de vida humana. E esse sonho não é privilégio de uns, mas é patrimônio de todas as culturas, raças e religiões.

Em Jesus Cristo o cristianismo carrega uma peculiaridade. Ele é a revelação do amor, da misericórdia do Deus encarnado e presente na história que convida seus filhos e filhas para viverem em plenitude a graça-dom da vida. Seguir Jesus é a especificidade do cristão. É Ele que é impulso, utopia, caminho, causa pela qual vale a pena viver. "A fé cristã é uma luz peculiar. Dá-nos uma perspectiva contemplativa da realidade, nos faz descobrir admiravelmente uma dimensão da realidade que só é acessível à luz da própria fé".¹⁶

Essa fé nos dá uma paixão pela realidade, por essa realidade pisada, experimentada e redimida por Jesus Cristo. E nessa realidade somos chamados a uma tomada de posição que afeta, sacode, comove, impulsiona para o testemunho do Reino e a solidariedade ativa com os sofredores. A fé encarnada questiona o mais íntimo do ser humano e interpela para não pactuar com a injustiça e com todas as formas de opressão. Fé é uma opção, uma radicalidade. "Há pessoas que passam a vida sem opção, sem se confrontar com a realidade concreta dos pobres, a realidade maior de nosso tempo. São pessoas que ficam em pequenas realidades privadas, ou no seu grupo, sem chegar a descobrir o conflito maior do nosso tempo. Quando a pessoa, por uma opção fundamental, se define diante da realidade última, se define perante Deus. É Deus que se encontra nessa experiência".¹⁷

Jesus provoca um seguimento vital. Ser cristão é ser seguidor de Jesus. Jesus não só proclama a verdade, mas é a Verdade, porque a faz. Não só anuncia a vida, mas é a Vida, porque a dá. É o Caminho da Verdade para a vida plena.

A espiritualidade da e na pastoral precisa refletir os traços do caminho de Jesus. Jesus, entregue a uma causa, a uma opção radical e absoluta: o Reino de Deus. Por essa causa viveu, falou, arriscou-se, foi perseguido e morto. Segundo CASALDÁLIGA, P., os traços do seguimento de Jesus sinalizam para: Jesus histórico, revelador de Deus, profundamente humano, entregue à causa do Reino, encarnado entre os pobres, denunciador do anti-Reino, livre e a favor da vida do povo, Jesus conflitivo, perseguido, reintegrador das mulheres na sua dignidade, Jesus "Caminho, Verdade e Vida" do Reino.

9. DESAFIOS À PASTORAL

O mundo vive uma primavera de "espiritualidades". Não se trata de uma espiritualidade unívoca, mas difusa e múltipla. A modernidade, a emergência da subjetividade, tem despertado no ser humano uma busca mais profunda para o seu existir. Por vezes o

cristão não encontra nas comunidades cristãs uma resposta para suas interrogações e para a sua busca da experiência de Deus. São poucas as paróquias, comunidades e pastorais que se preocupam em oferecer aos cristãos espaços, tempo, exercícios de espiritualidade.

A maioria dos cristãos aprendeu algumas orações, algumas fórmulas como única fonte de sustentação da fé. Esta realidade tem deixado um certo amargor entre os cristãos. Reações diversas surgem. Um grupo significativo abandonou a Igreja católica e buscou experiências de fé em outras comunidades cristãs. Outros, na ânsia de encontrarem um sentido mais profundo para o seu existir, buscam forças em outras filosofias de vida, em grupos de mútua ajuda. A maioria dos católicos vive assustada diante das transformações e das exigências do ser cristão hoje. Não encontram suporte para os desafios à fé. Ainda são poucos os que verdadeiramente experimentam uma espiritualidade profunda, integrada no cotidiano da vida, como fortaleza no mundo plural e conflitivo. Esses fazem da espiritualidade uma mística, uma razão mais profunda para o viver e o agir.

É hora de a Igreja oportunizar aos cristãos a formação da espiritualidade. Espiritualidade que parte da realidade, que se sustenta na Palavra de Deus, que integra fé e vida, que encoraja para o compromisso. Para isto é necessário que a atuação da Igreja, da pastoral seja mais *diafanía*, mais transparência, mais experiência do que *teofania*, manifestação, exterioridade e ritos.

A espiritualidade torna-se viva quando partilhada. A valorização do humano, da partilha, do amor, da fraternidade, da afetividade, são fundamentais para o florescimento da espiritualidade e para recuperar o sentido positivo da vida cristã. Vida que tem uma missão na história para que o *sonho de Deus* se concretize: o Reino em sua plenitude.

O cristão não pode trilhar pelos caminhos da insensibilidade, do endurecimento da vida, nem pelo derrotismo, pois isso desumaniza a pessoa. Apesar da urgência de transformações na sociedade, apesar dos conflitos cotidianos, o cristão não pode perder a mística, a ternura, a gratuidade para a construção de um novo homem e de uma nova mulher.

A exemplo de Jesus, a espiritualidade precisa ser marcada pelo "espírito de bondade" como capacidade de ternura, de gratuidade, de escuta de Deus e escuta do povo. Espiritualidade marcada pelo "amor" que não tem fronteiras, que supera toda discriminação, que dá energia à vida e que leva a descobrir os segredos de Deus. Espiritualidade baseada na "justiça, paz e misericórdia". Espiritualidade que leva a "sofrer com". Ser misericordioso é sentir-se carente de Deus e ver em cada irmão o rosto do próprio Deus.

Espiritualidade que bebe do poço da realidade, que integra a pessoa humana situada, marcada pela indignação ética e profética, que promove e defende a vida, que integra a fé, a luta, o compromisso e a festa.

Espiritualidade na pastoral é fonte geradora da concretização de um novo homem e nova mulher. Humaniza a vida, incentiva para o compromisso e leva para um verdadeiro encontro com o Senhor.

É um longo e profundo caminho encontrar o sentido da espiritualidade na pastoral e na missão dos agentes. É como alguém que está à procura de pérolas preciosas. Não basta "fazer, dar" pastoral. É preciso "fazer-se, dar-se", isto é, experimentar o que se anuncia, ser o que se

*"Esta
espiritualidade
cria um novo rosto
no agente
de pastoral"*

prega, testemunhar com a própria vida o mistério escondido de Deus, revelado em Jesus Cristo.

No momento atual, marcado por contradições sociais, pelo pluralismo, pela subjetividade e por um certo desencanto estrutural, é preciso aquecer o coração com uma profunda espiritualidade. Mas uma espiritualidade profética de resistência, que alimente o sonho, a esperança, que leve a criar novas relações com Deus-amor-vida-misericórdia, novas relações com os irmãos e irmãs e com as criaturas todas. Esta espiritualidade é marcada pela indignação ética, pela teimosia, mas também pela ternura, gratuidade, contemplação, alegria e festa. "O povo latino-americano é um povo em festa, em dança, em canto. O festivo atravessa toda a sua vida. Nem a fome, nem a luta, nem os desastres impedem que se organize uma dança, uma festa. Todos os prantos e todas as lutas são suportados cantando. O povo latino é povo de fatos, de lugares, de datas, de símbolos muito concretos. É um povo sacramental, apegado aos sinais que podem ser beijados, usados, tocados".¹⁸

Esta espiritualidade cria um novo rosto no agente de pastoral: Mais coração do que razão. Mais tolerância do que cobrança. Mais vida do que ordens. Mais presença, escuta e misericórdia do que o normativo. Assim transparece um novo rosto pastoral, com as seguintes características:

*expressa-se numa atuação diferente, inculturada, em atitudes de sensibilidade para as diversas situações humanas e existenciais, gerando condições de vida mais digna;

*trabalha experiências coletivas da utopia, do sonho da partilha, das condições de vida para todos;

*integra a festa, o lúdico, a poesia, a arte como meios de humanização e espiritualização da vida;

*valoriza e trabalha o corpo, o sentimento, o afeto, a sensibilidade, a ternura, a paixão pela vida própria e do outro como dom de Deus a ser acolhido, preservado, partilhado e defendido;

*cria no cotidiano da vida, no corre-corre dos compromissos, espaços para a experiência de Deus como relacionamento, escuta e acolhida;

*é marcada pela compaixão, que considera o povo como sujeito, que valoriza, que liberta, que sustenta e anima.

"Não basta que seja pura e justa a nossa luta. É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós".

NOTAS

- ¹ CALIMAN, C., in "mimeo", Brasília, 1990
- ² ALTEMEYER JÚNIOR, F., "Acender a chama da mística", in Vida Pastoral, maio-junho de 1995, n° 182, pg. 9
- ³ GALILEA, S., "O caminho da espiritualidade", Edições Paulinas, SP, 1985, pg. 22.
- ⁴ Idem, pg. 6
- ⁵ Idem, pg. 11
- ⁶ CNBB, "Catequese para um mundo em mudança", estudos da CNBB, n° 73
- ⁷ LIMA DA CRUZ, T. M., "mimeo", Brasília, 1994
- ⁸ LIBÂNIO, J. B. "Espiritualidade da libertação em tempos de Nova Era", in Vida Pastoral, maio-junho de 1995, n° 182, pg. 4
- ⁹ GUTIÉRREZ, G., "A Força Histórica dos Pobres", Vozes, Petrópolis, 1981, pg. 41
- ¹⁰ PAOLI, A., "Um encontro difícil", Paulinas, São Paulo, 1978
- ¹¹ CNBB, "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil", Paulinas, 1991, pg. 76
- ¹² Idem, pg. 92-94
- CNBB, "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil", Paulinas, 1995, pg. 7
- ¹³ Idem, pg. 171-175
- ¹⁴ Idem
- ¹⁵ GALILEA, S. op. cit., pg. 42
- ¹⁶ CASALDÁLIGA, P., e VIGIL, J. M., "Espiritualidade da Libertação", coleção "Teologia e Libertação, série III, pg. 29
- ¹⁷ Idem, pg. 49-50)
- ¹⁸ BOFF, C., "Opção pelos pobres", Petrópolis, Vozes, 1987, pg. 244-247

BIBLIOGRAFIA

- BOFF, L., "Teologia do Cativo e da Libertação", Multinova, Lisboa, 1975
- _____ e Frei Beto., "Mística e Espiritualidade", Rocco, Rio de Janeiro, 1994
- VÁRIOS., "Vida e Reflexão", Paulinas, São Paulo, 1987
- REGAN, D., "Igreja para a Libertação" Paulinas, São Paulo, 1986
- DUPONT, G. e SEIDENSTICKER, L. R., "A Pobreza Evangélica", Paulinas, São Paulo, 1976
- DUSSEL, E. D., "Caminhos de Libertação Latino-Americana", vol. IV, Paulinas, São Paulo 1985

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Tubarão
Caixa Postal, 5073
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC